



Cenas do *home office*: experiências organizacionais e afetos na Era Covid-19¹

Sônia Caldas Pessoa ²
Camila Alves Mantovani ³
Vanessa Cardozo Brandão⁴

Resumo

A ideia que nos mobiliza é reunir um conjunto de experiências em instituição de ensino superior de três pesquisadoras, em seus diálogos e dissensos, no que consideramos ser a Era Covid-19. Acionamos autores que estão conosco na articulação desse pensar as dinâmicas organizacionais que tensionam o trabalho e a vida doméstica; a (i) mobilidade, os espaços de tela, um cotidiano reconfigurado de organizações e sujeitos que se movimentam para operar em territorialidades outras. Alteridade, em Levinas (1997), cena, em Rancière (2016) e espaços de fluxo, em Santos (2003), guiam-nos neste caminhar para recuperar cenas que nos impulsionam em movimentos de reflexividade (MORICEAU; MENDONÇA, 2018) sobre as dinâmicas do trabalho remoto.

Palavras-chave

Alteridade; Experiências; Cena; Organizações em fluxo; Espaços de fluxos.

1. Cena 1

- Você fala demais! Não me sinto confortável com tantas orientações para o ensino remoto emergencial!

O grito da voz masculina forte e agressiva irrompeu na sala, em uma das dezenas de reuniões virtuais realizadas desde o início da pandemia de Covid-19. A universidade havia suspenso as atividades acadêmicas presenciais em 18 de março de 2020 diante do avanço da contaminação pelo novo coronavírus. O encontro naquele dia, pela plataforma *Google Meet*, promovido pelo departamento e pelo colegiado de curso, tinha como objetivo orientar os

¹ Trabalho apresentado no COMUNICAÇÃO, ÉTICA E ALTERIDADES EM PROCESSOS RELACIONAIS DE SUBJETIVAÇÃO E CONFLITOS NO AMBIENTE ORGANIZACIONAL, atividade integrante do XVI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Doutora em Estudos Linguísticos, UFMG, soniacaldaspessoa@gmail.com

³ Doutora em Ciência da Informação, UFMG, camilamm@gmail.com

⁴ Doutora em Estudos Literários, UFMG, vcbrandao@gmail.com.



docentes e compartilhar dúvidas sobre a retomada das aulas da graduação no modo Ensino Remoto Emergencial (ERE). Estavam na sala 25 colegas.

Estamos em 2020, o primeiro ano da Era Covid-19, quando nos vimos diante de um cenário que tornaria o trabalho remoto uma realidade para muitos de nós. A pandemia do coronavírus e as medidas de isolamento social, amplamente adotadas como forma de prevenção à propagação do vírus, exigiram de inúmeros profissionais, especialmente os da educação, a reorganização de suas rotinas e a transformação dos ambientes domésticos em “salas de aula”.

Nosso olhar aqui se volta menos para uma análise de experiências bem ou mal-sucedidas do *home office*, e mais para relatar e refletir acerca desse momento singular da temporalidade contemporânea que provocou o acontecimento de diversas cenas. A partir da fala das pesquisadoras que assinam este artigo desvelam-se desigualdades, assimetrias e rugosidades nos modos de trabalhar em casa, a exemplo de outros escritos BRANDÃO, MANTOVANI e PESSOA (2021).

Optamos pelo uso do pronome Ela nas cenas que aqui trazemos, uma inspiração em Stewart (2007), uma das expoentes da perspectiva teórico-metodológica situada na “virada afetiva”. Stewart elegeu Ela (She, em suas narrativas em inglês) para marcar as diferenças entre a identidade da autora e as cenas narradas, como "devaneio de simples presença" Stewart (2007, p.05). A escolha diz de um intervalo do olhar, da imaginação, do sentir-se e do assumir-se. Ela é menos uma posição de sujeito ou a busca de algo definitivo que possa configurar verdades acabadas e mais um triangular de possibilidades, ameaças e esforços de sintonia com o que determinada cena pode oferecer.

As cenas foram escolhidas a seis mãos, uma vivenciada por cada pesquisadora, em encontros online de trabalho e de compartilhamento de experiências. Algumas delas, vivemos em partilha, todas na mesma sala, o que colaborou para que a experiência singular recebesse as reminiscências também das outras. Não se trata de um *corpus* em análise nem de pesquisa quantitativa a identificar padrões; tampouco intentamos recortar cenas para criticar posturas em organizações. Trata-se de um gesto epistemológico em pesquisa de dimensão afetiva, trazer à cena, em reflexão, em narrativas performativas. Decidimos revisitá-las, como a percorrê-las novamente à procura da compreensão dos processos de afetação e de suas interlocuções, nem sempre pacificadas, em organização. Dividimos, em partilha, não somente a experiência em si,



mas estabelecemos com ela exercícios rotineiros de um pensar que nos ancorasse na responsabilidade com o outro, que preservasse rostos (Levinas, 1997) e clima organizacional, mas que não desconsiderasse o experienciado.

As cenas do *home office* acionam, em nós, afetações de leituras que realizamos em outras temporalidades, como a do conceito de cena na obra de Rancière. Tal como apontado por André Voigt, reconhecemos que se trata de pensamento intelectual pouco convencional: “o reconhecimento de uma postura que se mostrou constante em seu trabalho de investigador: a da convergência entre teoria e prática na implementação de um método” (2019, p. 24).

Inspiradas por Rancière (1995), para nós, cena constitui epistemologia: um potente operador de sentido para estudos em comunicação que visam articular a reflexão sobre a realidade, isto é, um conceito real em Rancière pondo em relação estudos de estética e política, encarnada em corpos situados em tempo-espço, corpos que se afetam e pensam sobre suas experiências singulares na escrita em dupla direção:

Entre o sopro imaterial do oráculo e o sentido gravado na materialidade das coisas fica, é claro, o grande paradigma da Escritura confirmada pela encarnação. O que vem, duravelmente, realizar o resgate da letra e sustentar todos os sonhos de uma escrita mais que escrita é a encarnação cristã do Verbo, dando letra a seu espírito. Só um corpo vivo, um corpo que sofre, é capaz, em última instância, de garantir a escrita. (Rancière, 1995, p. 12)

Neste nosso campo de esclarecimentos, dizemos aos leitores que não ousamos uma escritura que contraponha o "real" e o "ficcional". Assumimos, no entanto, certa dramatização com olhares e afetações de reflexividade sobre o vivido em suas possibilidades de reorganização e apropriação enquanto narrado. Talvez reparem que colocar nossos corpos em cena é como trazê-los em perspectiva dos afetos em tempos diversos: o presente, quando o corpo está em evidência e em contato; o futuro, que se fará presente em algum momento quando voltamos a observar, a tentar entender e a narrar os afetos; e o passado, sem o qual a experiência singular estaria desvinculada da problematização desta experiência em relação ao ser que a viveu e ao coletivo, sendo ambos importantes atores para que a prática reflexiva tenha lugar, se instaurando entre lapsos de afetações e racionalidade. Importa-nos aqui a não separação cronológica e ordenada dos tempos e das experiências. Colocamos em evidência afetações com dupla conotação na qual se entrelaçam dimensão espaço-temporal e disposição afetiva relativas à modalidade do sentir-se, como nos inspirou a companhia dos escritos de Levinas (1997, p.195): "Despertar e vigilância ética nesta agitação afetiva". Sobre os afetos, nosso objetivo não



é enumerá-los ou categorizá-los e, sim, descortiná-los para que a cena alcance outros em corresponsabilidade conosco.

O grito que deu início a esta escritura - talvez você se lembre de ter "ouvido" na primeira página: Você fala demais! - ainda ecoa na escuta tardia da primeira cena que ela, com frequência, repassa mentalmente. O corpo, vivo, encarna-se na perspectiva do rosto, aquele tomado em sua concepção de face, assim como o da maioria dos presentes naquela reunião sobre o Ensino Remoto Emergencial, e que se transfigurou. A aparência de rostos individuais ganhou contornos, pensando em sentido prático e estético, de susto, inadequação, raiva e indignação. Os sorrisos amáveis e em busca de experiências em comum que pudessem aliviar a tensão dos últimos quatro meses de expectativa para o retorno das aulas foram sumindo gradativamente.

A professora "que falava demais" ficou paralisada por poucos segundos. As diretrizes do Ensino Remoto Emergencial rapidamente se confundiram com uma sensação estranha de menos valia, como se o seu discurso fizesse emergir umas tantas daquelas questões que pesquisamos sobre hierarquia nas organizações, clima organizacional, discriminação por gênero, vulnerabilidade de mulheres em determinados cargos e muitas outras que não precisamos enumerar aqui mas que, certamente, você que nos lê já ouviu algum caso, conhece alguém que já experienciou ou até mesmo foi personagem de cena semelhante.

Otimista que era, a professora pensava nestes eventos como um bom encontro, na perspectiva de Spinoza (2018). Talvez, por trás de cada rosto naquelas telas espalhadas pelas diversas regiões de Belo Horizonte, a sensação tenha sido de invasão. Sim, o homem de voz grave era convidado, conhecido de todos, devia estar ali. A deselegância corporativa, no entanto, se fazia 'penetra', para usarmos uma expressão cotidiana que parecia apropriada para momento tão inadequado e, por uma sonoridade nada afável, por pouco, não tornou o encontro paralisante; o mau encontro, em Spinoza.

Nos cinco próximos dias após a reunião, perdeu a conta de quantos telefonemas, mensagens de WhatsApp, e-mails e todo o tipo de manifestação de apoio que recebeu de colegas. Tomou conhecimento que eles se uniram e encaminharam uma carta de repúdio à instituição. Tamanha mobilização de homens e mulheres provocou um daqueles efeitos de afetação que a fez substituir o choro convulsivo da impotência e do desrespeito, logo após o encontro, por sensação de aconchego, de um colo social, aquele no qual as pessoas se unem para oferecer um abrigo quente e acolhedor ao outro.



Fez vislumbrar a partilha do sensível ou “um sistema de evidências que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* partilhado e partes exclusivas”, e os modos como “um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha” (Rancière, 2015, p.15). E fez descortinar o *comum* não harmônico, em disputa e em dissenso, tensionado pela excepcionalidade do momento, pela organização desconstituída em seu espaço físico e abalada em suas relações sociais vigentes no mundo das telas.

A cena relatada remete àquele rosto sobre o qual nos ensinou Levinas (1997), o que não se pode ver nem tocar, ou o que contém a verdadeira essência do homem. O rosto que nos interpela para a responsabilidade do nosso Eu, ou do que há de mais humano em nós, aquele que é um chamamento para a responsabilidade social de cada um, independentemente das salas, das organizações, dos personagens e das partilhas que ali se dão em espaços e tempos nem sempre conectados e territorializados de modo convencional. A responsabilidade com o outro.

Podemos até atribuir ao distanciamento, provocado por essas novas dinâmicas organizacionais, a maior frequência de certas atitudes pouco comprometidas com a etiqueta e os códigos de boas maneiras entre os sujeitos de uma mesma organização. Não queremos aqui dizer que a distância é (única) responsável pela falta de educação ou mesmo empatia, mas quanto mais distante de mim está o outro, mais fácil parece ser não o considerar como digno de meu afeto e respeito. Nesse sentido, manter a coesão interna, o sentimento de pertencimento, trabalhados no cotidiano organizacional, torna-se um desafio para as organizações desterritorializadas.

Bem sabemos que esses processos de desterritorialização das organizações vêm acontecendo desde meados do século XX. As dinâmicas transnacionais e de controle descentralizado, propiciadas pelo desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação, conformaram o que Milton Santos denominou espaço de fluxos. Para o autor,

Hoje, vivemos um mundo da rapidez e da fluidez. Trata-se de uma fluidez virtual, possível pela presença dos novos sistemas técnicos, sobretudo os sistemas da informação, e de uma fluidez efetiva, realizada quando essa fluidez potencial é utilizada no exercício da ação, pelas empresas e instituições hegemônicas. A fluidez potencial aparece no imaginário e na ideologia como se fosse um bem comum, uma fluidez para todos, quando, na verdade, apenas alguns agentes têm a possibilidade de utilizá-la, tornando-se, desse modo, os detentores efetivos da velocidade. (SANTOS, 2003, p.83)



Nesse cenário, as organizações se deslocavam em busca de condições mais favoráveis para o desenvolvimento de suas atividades, no entanto, poucos eram os sujeitos que se deslocavam com elas. A ideia de um pequeno grupo de privilegiados, que detinha as condições e as possibilidades do movimento, foi explicitada por Elliott e Urry (2010). O trabalho seria o princípio motriz que os colocaria em movimento, levando-os a estar em diferentes lugares ao longo de sua jornada produtiva. Na primeira cena narrada nesta escritura, permanecemos, nós e os outros, em um movimento paralisante que, ao vagar para outras territorialidades, aquelas que propiciam a articulação política, fizeram-se deslocamento, ainda que em casa, em direção a posturas organizacionais outras e cenas que não se encerrariam ali. Talvez na primeira cena, a (i) mobilidade das telas tenha deslocado posturas organizacionais esperadas e, com isso, assinalado também uma oportunidade para se observar as relações entre sujeitos numa organização a partir de outras bases.

Como nos aponta D’Almeida (2015), os estudos contemporâneos no campo da comunicação organizacional têm buscado considerar não apenas os “objetos tradicionais de estudos organizacionais (o Estado, a família, os meios de comunicação),” mas buscado apreender as dinâmicas internas das organizações, que colocam em evidência os sujeitos e seus tensionamentos. Sob essa perspectiva, as organizações se apresentam como “espaços de produção de normas, valores, identidades, discursos, sociabilidades, representações, conflitos” (D’Almeida, 2015, p.18), oferecendo-nos, então, a sua dimensão humana para um exercício reflexivo que vai além das racionalidades administrativas e de gestão e abarque o sensível.

Lembramos que as cenas narradas por nós a seguir, como esta primeira, foram vividas em territórios virtuais de trabalho, que se constituem enquanto espaços de fluxos (SANTOS, 2003), com suas disputas e rugosidades. Com a situação criada pela pandemia, nós, assim como muitos, afinal a pandemia é uma experiência coletiva, nos percebemos deslocadas de nossos ambientes organizacionais - lugares com constituições de hierarquias já conhecidas e estabelecidas. No entanto, alguns territórios, onde saberes e valores compartilhados poderiam ser desconstruídos em um piscar de olhos ou em uma emissão de sons pouco amistosos, descortinaram-se diante de nós, como pudemos observar, sem aviso prévio.



2. Cena 2

- "Por favor, fecha a porta e vai estudar!!!"
- "Silêncio, estou dando aula!"

Entre gestos e sussurros, ela tenta orquestrar os barulhos da casa para que o privado não atravessasse para o outro lado da tela. Espalha *post-its* pelas paredes e portas na tentativa de que eles impeçam interrupções, brigas e demandas fora de hora. Espera que esses bilhetinhos ajudem a criar o clima organizacional da casa: cooperação, harmonia, cada um "dando o melhor de si"! - ela sorri, e se lembra das entrevistas dos jogadores de futebol, "dar o melhor de si", repete a si mesma. Mas, no fim do dia, a pesquisa de satisfação aponta para resultados bastante ruins: ninguém está feliz, nenhum cliente recomendaria aquela experiência como positiva e atrativa para outro. O Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) está lotado de reclamações.

Do ponto de vista da infraestrutura, as coisas também não andam bem. Não há banda de rede que sustente tantas interações e cada queda na conexão provoca reações diferentes entre seus usuários. O filho mais novo fica quietinho, não avisa ninguém, não aciona o técnico, afinal, as perdas de conexão são vistas como uma chance de respiro, um momento em que, finalmente, não é possível fazer nada. Ele anseia pelo ócio. Já o mais velho reclama, não porque está perdendo os conteúdos das disciplinas, mas porque não consegue jogar ou ter as conversas paralelas, que acontecem pelo WhatsApp, durante as aulas. Estas interações lhe parecem mais interessantes.

Nesses momentos do dia útil, há apenas um supervisor disponível na operadora responsável pela rede wifi. O técnico alçou esse cargo não por competência, mas por ser o único com idade para assumi-lo. A situação deste profissional não parece animadora nem para ele e muito menos para ela, que se recorda, a cada instante, que assume todas as funções, para além da execução do seu trabalho, aquele pelo qual é remunerada, e ainda conta com péssima conexão para os afazeres online.

Nos diálogos consigo mesma se pergunta sobre as dinâmicas de trabalho remoto que discute em sala de aula com os alunos. Um aspecto interessante lhe chama a atenção; diz respeito menos à possibilidade de o sujeito se deslocar e mais de uma capacidade de realizar o trabalho em qualquer lugar. Isso porque manter-se produtivo, durante os deslocamentos, torna-se fundamental para sustentação de um estilo de vida em movimento. E nesse sentido, poder



realizar atividades laborais fora do ambiente físico da organização abre um leque de possibilidades e alternativas para a conformação de novas rotinas de trabalho. No entanto, pensa ela, a operação diária da vida doméstica, a educação online dos alunos e dos próprios filhos, torna-se uma equação desafiante na qual o resultado é incerto.

A possibilidade de desempenhar atividades laborais “em qualquer lugar” ofereceu-se como uma proposta bastante sedutora para profissionais há alguns anos. Diante das condições desfavoráveis de deslocamento nos centros urbanos e das dificuldades em manejar compromissos da vida pessoal e familiar, vislumbraram nessas dinâmicas a tão almejada qualidade de vida. A professora se lembra novamente de estudos sobre organizações. Em 2017, dados divulgados pela pesquisa “*Working anytime, anywhere: The effects on the world of work*”⁵, realizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), já indicavam o crescimento do trabalho remoto, em escala mundial, desde o início dos anos 2000. De acordo com o relatório, alguns fatores podem ser apontados como principais motivadores para adoção e consolidação do trabalho remoto.

O primeiro deles refere-se à implantação, pelas organizações, de políticas que visam o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal para funcionários que vivem muito longe do local de trabalho, ou que cuidam de crianças pequenas, familiares com deficiência ou de parentes idosos. Outro fator, não menos importante e que pode ser apontado como responsável pelas condições de possibilidade do trabalho remoto, é o desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação. Por fim, o crescimento também do trabalho imaterial permitiu criar arranjos mais flexíveis em relação à dinâmica de horas trabalhadas. Olhando para esses dados trazidos pela pesquisa, reconhecia que a vida, atribulada entre o trabalho, as tarefas domésticas e os cuidados com as crianças, andava menos agitada do que há alguns meses, quando se desdobrava para buscar um filho na escola, levar o outro no treino de futebol, chegar a tempo da aula de música do primeiro e retornar rapidamente para que ninguém perdesse o horário. Já ela, perdeu as contas de quantas vezes almoçou no carro para conseguir cumprir com sua rotina. Nesse ritmo, a convivência com os filhos se dava, em grande parte durante o dia, dentro do carro, em horas de trânsito. O trabalho era, algumas vezes, penalizado com atrasos e interrupções de atividades

⁵ Disponível em <https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_544138/lang--pt/index.htm> - acesso em 05 de março de 2021



que demandam concentração. Agora, trabalhando em casa, não tinha mais a interrupção do vai e vem que "comia" muitas horas do seu dia útil. Ainda assim, pensava ela, as interrupções eram muitas - embora de outra ordem. O dia parecia longo, mas, de algum modo, era mais difícil fazê-lo ser útil.

Esta dificuldade estaria relacionada ao fato de que nem todo trabalho pode ser adaptado ao modelo remoto? Assim como o relatório da OIT, aqui mencionado, apontou os principais fatores que impulsionam a adoção desse tipo de trabalho, trouxe também aqueles que dificultam, ou mesmo impedem, esses arranjos. Para além de uma questão de disponibilidade de infraestrutura - sabemos das enormes diferenças entre países e também entre trabalhadores em termos das condições de acesso às tecnologias -, há ainda questões culturais e técnicas que impedem a adoção do trabalho remoto. Certa vez, bem no momento em que participava de uma reunião com colegas de outro departamento. Nos bastidores, foi chamada de "nada profissional", por interromper a reunião para atender o técnico, que vinha, por sua vez, atender à sua demanda para evitar reuniões interrompidas por falta de conexão. O episódio lhe rendeu boas horas de reflexão e de angústia.

Ela volta aos pensamentos que a afetam: O *home office*, na pandemia, tem um sabor agridoce. É, ao mesmo tempo, bom e ruim. Bom porque você não se expõe aos riscos de contaminação pelo novo coronavírus; nem todos os trabalhadores puderam adaptar seu trabalho ao modelo remoto, conseguindo manter sua função e remuneração. Entretanto, a casa não foi concebida para virar uma organização. O lugar que antes nos recebia para trazer aconchego e recarregar as baterias, agora nos demanda um outro tipo de relação. Tempos, espaços e também sujeitos se põem em fricção, fazendo-nos ver as tais rugosidades sobre as quais nos fala Santos (2017, p. 140)

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos.

Quando Santos (2017) propôs essa reflexão, publicada em seu livro "A natureza do espaço", em 1996, ele estava motivado pelas questões advindas da divisão do trabalho, diante das perspectivas de desterritorialização trazidas pela globalização. O autor questionava as dinâmicas de controle e de operação, que se davam em espacialidades, e também



temporalidades, por vezes distintas, e às fricções operadas por essas sobreposições deu o nome de rugosidades.

Na *home*, que virou *office*, as rugosidades se assemelham a quebra-molas gigantes que impedem a fluidez. Esse último termo, também abordado por Santos em muitas de suas obras, é uma das principais características do mundo contemporâneo, e para atender à constante demanda por fluidez são projetados "objetos e lugares" (2017, p. 274). Além disso, essa fluidez é marcada por uma ação desreguladora. Isso porque os espaços de fluxos exercem uma ordenação de cima para baixo e com motivações que são estranhas ao lugar.

3. Cena 3

A tarde, com duas reuniões marcadas na sequência, anuncia um planejamento bastante idealizado. O mais difícil, as duas seriam conduzidas por ela. Arriscado, mas o cronograma de trabalho estava apertado e era preciso cumprir a agenda. Agora calcula, quando pode, os horários de início e de término das reuniões de trabalho para coincidir com os horários em que a filha está em aula online. Mentaliza o passo a passo da agenda na tentativa de que dê certo.

Estava ali em reuniões de escuta com equipes novas, em projeto iniciado após a pandemia. Ela é a novata no grupo de trabalho, batalhando há alguns bons três meses para tentar conhecer, pelas telas, as pessoas da Pró-Reitoria. Assim, no modo remoto: ela se sente apertando botões de um controle que não tem, mas que finge ter - liga modo professora, desliga modo mãe, desliga modo professora, liga modo subchefe. Desliga rápido porque a filha de repente não consegue entrar na aula online sozinha. Pausa no modo cargo administrativo. Liga modo mãe.

Na conexão remota, tentando manejar algum controle, ela percebeu que não conseguiria entender o trabalho do novo projeto sem antes conhecer as pessoas, sem ter tido trocas e diálogos, que teriam acontecido no passear entre as salas do prédio da universidade. Agora, todos os encontros acontecem nas telas - um desafio extra conhecer, assim, os novos parceiros da grande equipe de trabalho. Tudo pronto para as reuniões, toca o celular. Uma, duas vezes. Agora é o interfone que toca, mais de dez vezes. A portaria já está avisada: o carro está na garagem, ela está em casa, mas está em reunião de trabalho. O interfone toca novamente, mais de dez vezes.

- A senhora está aí? É a sua sogra que tá aqui na portaria.



- Ah? O que? Ah tá, pode deixar subir.

Pronto: o *office* foi invadido pela *home*. A sogra queria ajudar, lembrou-se da sua queixa de não ter tempo para fazer compras nesta semana. Sabendo que ela estaria em dias muito apertados com o trabalho, fez a compra e pensou em já deixar na sua casa. No meio da tarde, assim sem avisar. Enquanto a sogra sobe no elevador, ela explica a necessidade de interromper a reunião pedindo desculpas e licença para atender a porta.

Retoma mentalmente, o "entre" da escrita da cena, aquele no qual a relação entre os afetos do corpo - sempre singulares - situados no território em que ocorre a experiência sensível (condições) e a dramatização dessas (discurso). Reflete sobre os desencontros do momento e a possível escritura da cena, sobre o desencontro entre essas duas ordens, quando o sujeito revela a desidentificação experienciada com a condição esperada como norma para sua posição na ordem discursiva, é que acontece a política. Estaria ela, dias depois, diante de quatro livros de Rancière na tentativa de compreender epistemologicamente o que se dava em ambiente doméstico em disputa com o ambiente organizacional.

Por um lado, a cena está no campo das experiências singulares, na ordem das coisas que acontecem no "testemunho do verbo vivo encarnado" (Rancière, 1995, p. 14). Por outro, a cena se constrói enquanto procedimento de leitura e de levantamento de questões. Na escrita da cena, pode-se encarnar a partilha do sensível, em sua potência política em direção à comunidade. Ela não consegue visualizar, no entanto, possibilidades, naquelas cenas, de dissociar a singularidade da vida particular (experiência poética de um eu) e a posição em uma comunidade (campo dos direitos e do pertencimento possível). Mas não deveria ser mesmo assim?, se pergunta. Tal lugar duplo assinala a cena como potência reveladora das contradições que definem um sujeito. Em disputa, as cenas que enunciamos operam entre a categoria social do trabalhador e a singularidade da pessoa trabalhando em casa, durante a pandemia do coronavírus.

A reunião de trabalho continua pausada. Um colega da universidade espera. Ela atende a porta, a sogra e a sacola de carne para semana, a filha e o lanche da escola, o colega na tela do *Google Meet*. Coloca apressadamente na geladeira a compra que acaba de receber, em um gesto de gentileza de uma pessoa da família. No remoto, sente esvaír o suposto controle. Àquela altura, rendia-se, sem dominar a situação. Pede, novamente, desculpas e licença para terminar a reunião, que já está quase atrasada para a próxima. Estava se tornando uma especialista em etiqueta do desculpar-se diante das fronteiras tênues entre o doméstico e o organizacional.



O tempo do trabalho se tornou eterno agora. O espaço, não só o da tela: o da casa, o do lar, o da família. Tempo-espaço assíncrono que nada!, quase reclama. *Home office* é outro tempo-espaço, aquele no qual o tempo do trabalho é qualquer um - todo tempo é tempo de trabalho. O espaço do trabalho é qualquer canto - a sala, a mesa da cozinha, o canto da mesa de cabeceira.

4. Cenas espaço-temporais em permanente constituição

Narrar os acontecimentos que se desenrolam a partir do deslocamento das atividades de trabalho para ambientes digitais - e sua aparente lógica de fluxo aberto, descentralizada - parece-nos produtivo por dar a ver várias cenas que revelam desigualdades e hierarquias presentes nas dinâmicas organizacionais. A experiência do deslocamento - vivida não apenas por nós, pesquisadoras, mas por tantos trabalhadores de diversas organizações durante a pandemia do coronavírus - produziu muitas cenas, tanto no sentido de sucessão de acontecimentos verdadeiros quanto no sentido de narrativas a serem ordenadas de modo a revelar disparidades. Assim, a literalidade (*littérarité*) de Rancière foi incorporada ao texto como modo de ver e significar as cenas experimentadas na organização, em que trabalham as autoras, com o intuito de revelar problemas, assimetrias e relações de poder que afetam os sujeitos desviados de suas dinâmicas com a organização, tanto espaço quanto temporalmente.

O deslocamento das lógicas organizacionais para o trabalho remoto, em modo *home office*, nas contingências dadas pela pandemia do coronavírus desde 2020, propiciou o acontecimento das "cenas" de trabalho em outro território demarcado por várias contradições do *ser-em-organização*. Na dimensão espacial - estar em casa, no escritório (quando ele existe, ou como ele se constitui enquanto ficção de vida de trabalho), trasladado para o ambiente doméstico. O território da vida íntima foi convertido em cenário para a vida na organização, pelo imperativo do trabalho remoto.

Na dimensão temporal, o ser-em-organização no estar-em-casa aciona uma série de contradições e dissensos entre os fluxos de trabalho no tempo da organização e no tempo da vida doméstica. Isso porque, como nos lembra Santos (2017), o passado, as experiências, as memórias do lar se chocam com as dinâmicas do espaço de fluxos trazidas pelo atravessamento do trabalho no ambiente doméstico. A relação espaço-tempo torna-se ainda mais complexa pois a casa, que era da ordem do tempo sequencial e biológico, passa a conviver com as dinâmicas



dos fluxos que transformam a experiência da temporalidade em algo da ordem da simultaneidade e da intemporalidade (Castells, 2007).

Se esse tempo atemporal pertence ao espaço de fluxos, o tempo biológico e a sequencialidade, que estruturam e caracterizam os lugares em todo o mundo, pertencem ao "espaço de lugares". E são nesses espaços que vivemos nossa vida cotidiana e onde nossos corpos sentem o efeito desordenador do tempo, provocado pelo atravessamento dos fluxos, principalmente aqueles oriundos das atividades profissionais.

Para acomodar, de um ponto de vista tanto experiencial quanto conceitual, essas afetações, tentamos ordenar, por meio da escritura da cena, os mundos em que nos inscrevemos. Em um duplo movimento - do corpo que experimenta e que também dramatiza reflexões sobre suas vivências, constituindo a reflexividade que se faz em nós -, buscamos revelar, pelos atos de palavra expressos nas cenas construídas enquanto narrativas, igualdades e desigualdades entre sujeitos nas organizações. Mais do que elencar respostas, dispomos alguns percursos, nos quais rostos, aqueles pensados por Levinas (1997), se perdem em telas digitais em um emaranhado de relações que, se por um lado, aproximam os sujeitos, por outro, descortinam condutas pouco afeitas ao ambiente organizacional. Sob a 'escuta' atenta dos nossos leitores, esses gestos epistemológicos apontariam caminhos a serem percorridos na busca do entendimento da nossa vida cotidiana, do ser e estar em organização, e, por que não, da própria existência.

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) o apoio financeiro concedido a pesquisas realizadas no Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades.

Referências

BRANDÃO, V. C.; MANTOVANI, C. M. C. A.; PESSOA, S. C. Cenas do ensino remoto emergencial: trilhas e experiências na era covid-19. In: Elen Geraldese; Gisele Pimenta; Katia Belisário; Rafaela Pinto; Ruth Reis. (Org.). **Comunicação e ciência na era covid-19**. 1ed. São Paulo: Intercom, 2021, v. 1, p. 230-242.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura; v.1, 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

D'ALMEIDA, Nicole. O estatuto do sujeito em organização. In: MARQUES, Ângela C. S.; OLIVEIRA, Ivone de L. **Comunicação Organizacional: dimensões epistemológicas e discursivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2015. p. 18-26.



EUROFOUND & INTERNATIONAL LABOUR OFFICE. **Working anytime, anywhere:** The effects on the world of work. Publications Office of the European Union, Luxembourg, and the International Labour Office, Geneva, 2017. Disponível em: https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_544138/lang--pt/index.htm

LEVINAS, E. **Entre nós:** Ensaio sobre a alteridade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; MORICEAU, Jean-Luc. Afetos e experiência estética: uma abordagem possível. In: CARDOSO FILHO; DUARTE; MENDONÇA. **Comunicação e sensibilidade:** pistas metodológicas. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2018. p. 78-98.

STEWART, Kathleen. **Ordinary Affects.** [Durham]: Duke University Press, 2007

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível.** São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da Escrita.** São Paulo: Editora 34, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. **The method of equality:** Interviews with Laurent Jeanpierre and Dork Zabunyan. Cambridge: Polity Press, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento:** política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 2018.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. Ed 9a reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SPINOZA, B. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

VOIGT, André. O conceito de “cena” na obra de Jacques Rancière: a prática do “método da igualdade”. Belo Horizonte: **Revista Kriterion**, n. 142, abril 2019, p. 23-41. Disponível em: <http://www.kriterion.fafich.ufmg.br/index.php/kriterion/article/view/425>